

FACONNECT/ A CASA TOMBADA

LUÍSA DE SOUZA GANZELI
MARCOS GANZELI

Conversas Familiares

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu “Saberes populares para a arte e a educação nas vivências da Carroça de Mamulengos: o que nós podemos fazer por nós mesmos?” apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em Arte/Educação.

Orientadora: Prof^a Maria Gomide França

Bragança Paulista/SP

2022

Conversas Familiares

Resumo: *A partir da transcrição de um vídeo, elaborado como parte do trabalho de conclusão do Curso “Saberes populares para a arte e a educação nas vivências da Carroça de Mamulengos: o que nós podemos fazer por nós mesmos?”, os autores dialogam sobre o processo de realização do vídeo. Neste diálogo eles retomam o percurso feito no início do curso, dando visibilidade às decisões adotadas na condução das tarefas acadêmicas, e suas reformulações. Com o intuito de desenvolver o diálogo e favorecer união de pontos de vistas sobre as aulas ministradas, os autores finalizam com a reflexão sobre os conhecimentos adquiridos com a aproximação deles com a cultura popular da região do Cariri, no Ceará, e com os saberes desenvolvidos pelos integrantes da Carroça de Mamulengos.*

Palavras chave: *saberes populares, diálogos, experiências, vivências*

Conversas familiares

Abstract: *From the transcription of a video, prepared as part of the conclusion work of the Course “Popular knowledge for art and education in the experiences of the Carroça de Mamulengos: what can we do for ourselves?”, the authors dialogue about the process of making the video. In this dialogue, they resume the route taken at the beginning of the course, giving visibility to the decisions adopted in the conduct of academic tasks, and their reformulations. With the aim of developing dialogue and favoring a union of points of view about the classes taught, the authors end with a reflection on the knowledge acquired with their approach to the popular culture of the Cariri region, in Ceará, and with the knowledge developed by the members of the Carroça de Mamulengos.*

Keywords: *knowledge, dialogues, experiences.*

Sumário

	Pág
Introdução	4
Parte I – De volta ao começo	9
Parte II – Diálogos Interiores	22
Parte III – Conversas ...	37
De Marcos	37
De Luísa	39
Parte IV – Palavras finais...	42
De Marcos	42
De Luísa	45
Votos	47
Referências Bibliográficas	49

Figuras

Todas as figuras são de acervo pessoal dos autores

Introdução

Em pleno desenvolvimento da Pandemia da COVID 19, na sua fase mais aguda, em fevereiro de 2021, iniciou-se o curso “Saberes populares para a arte e a educação nas vivências da Carroça de Mamulengos: o que nós podemos fazer por nós mesmos?”

Um curso realizado nos moldes de ensino à distância não só pelo impeditivo do formato presencial ditado pela pandemia; mas, cremos, sobretudo para poder ter a abrangência territorial que ele atingiu, com alunos do sul ao nordeste do Brasil e incluindo até alunas residentes na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Uma das palavras marcantes do curso e inserida propositalmente no seu título – vivências, pode parecer contraditória na perspectiva de um curso à distância; porém, tendo em vista o veículo de comunicação utilizado para realizá-lo, um aplicativo de comunicação digital (Zoom) que permite a todos os participantes se verem simultaneamente, os encontros síncronos, às quartas-feiras, propiciaram não só a observação de apresentações da arte da Carroça de Mamulengos e de outros atores da cultura regional da região do Cariri, no Ceará, local da transmissão das aulas; bem como, simultaneamente, as falas dos participantes nas mais diversas localidades. Propiciaram, também, uma conversa “frente a frente” dos interlocutores, em função da dinâmica instituída, que incluía comentários após cada uma das apresentações. De modo que se conseguiu, ao invés de uma percepção de distanciamento, exatamente o contrário, a aproximação de pessoas distantes, às vezes mais de mil quilômetros, como se estivessem umas ao lado das outras. Tanto que melhor do que chamá-lo de Curso à Distância seria denominá-lo de Curso de “Presenciamento através de Tecnologias Digitais”.

A Carroça de Mamulengos, uma trupe artística formada pela família Gomide, tem percorrido o Brasil, por mais de quatro décadas com seus espetáculos, ou brincadeiras como costumam denominar. O pai, Carlos Gomide, a mãe, Shirley e oito filhos, sendo a primogênita, Maria Gomide, que é quem coordena os trabalhos do curso.

Se pelo lado dos professores brincantes havia a família Gomide, do lado dos alunos, sediada na Cidade de São Paulo, também havia uma família participando dos encontros semanais, a qual aparecia na tela do aplicativo de comunicação com

seus três integrantes sempre juntos no mesmo enquadramento: a nossa, constituída pelo casal Edilene e Marcos e a filha Luísa.

O curso foi segmentado em “giros”, iniciando com a apresentação de cada um dos integrantes da Carroça de Mamulengos, trazendo não só sua especialidade artística individual mas também os desdobramentos que se deram em suas vidas. Assim, Carlos Gomide, também conhecido como Carlos Babau, em função de sua arte ser conhecida na Paraíba como “Babau” em vez de “Mamulengo”, além de apresentar alguns de seus muitos bonecos, de demonstrar personagens criados para suas brincadeiras, também trouxe para o curso a atividade que hoje simboliza mais fortemente o apelo inserido no título do curso: “O que nós podemos fazer por nós mesmos”; qual seja, a produção e distribuição de mudas de árvores que ele realiza, costumeiramente, seja quando se apresenta com seus bonecos em público nas suas andanças pelo país, seja em qualquer momento e/ou lugar em que haja um aglomerado de pessoas, como nas missas mensais de homenagem ao Padre Cícero, em Juazeiro do Norte.

Da mesma forma, um a um dos integrantes da Carroça foram apresentando personagens das brincadeiras e atividades diversas, como a Professora Shirley com suas Bandeiras do Divino, Antonio Gomide com sua especialização em reflorestamento, os irmãos Pedro e Matheus com a fabricação de pães artesanais, como exemplos.

Como explicou a Professora Maria Gomide, cada “giro” alcançava uma esfera mais abrangente de atores sociais. Assim, se o primeiro giro se concentrou nas apresentações dos integrantes da Carroça de Mamulengos, sua história e a de seus integrantes, ou seja, a casa, o segundo giro saiu da casa para alcançar o terreiro, o lugar de outros brincantes, como os de Reisado, os Bacamarteiros, as Carpideiras e dançarinas de Coco, entremeados por aulas de professores de universidades que conviveram em algum momento com a Carroça de Mamulengos ou que estudaram a sua trajetória e participação na cultura popular do Brasil.

No giro seguinte, ampliando a roda, foi a vez dos alunos, em seminários denominados de “Seminários das Sementes”, se apresentarem trazendo considerações sobre a intersecção da Tradição, aqui entendida como os saberes de uma determinada cultura, com diferentes aspectos da sociedade.

O último giro foi destinado à elaboração do trabalho de conclusão de curso, que por sugestão de um dos alunos do curso passou-se a chamar de Tecendo

Confluências Comunitárias, muito mais apropriado ao espírito do curso já que readequava o trabalho de conclusão à vivência adquirida nos encontros virtuais.

Para a realização desse trabalho, no primeiro encontro dos participantes, a organização do curso propôs um leque de possibilidades de produções alcançando qualquer forma de expressão. Assim, poderiam ser apresentadas produções artísticas na forma de música, dança, gravuras, poema etc., ou mesmo expressões não artísticas como pesquisas, por exemplo. Sendo que, independentemente do formato escolhido, haveria a necessidade de uma escrita que descrevesse todo o processo de escolha e elaboração do trabalho final.

Diante de tal comando, nossa família iniciou, logo após aquela aula, a produção de um texto coletivo que visava, diante de um esboço inicial de uma ideia de trabalho de conclusão, ir registrando os encaminhamentos adotados bem como o andamento das tarefas do curso, como a confecção de uma Bandeira do Divino ou a Biofantasia (apresentação individual de cada aluno participante do curso).

Este registro inicial foi realizado com uma certa frequência de fevereiro a março de 2022, depois de um hiato foi retomado em julho de 2022; e, constitui a Parte I do presente trabalho. Foi incorporado da maneira como foi escrito à época, justamente para como que “fotografar” o instante inicial da produção escrita. Naquele momento, denominamos o texto de “Diário de Bordo”, na esperança de fazer um registro cotidiano do trabalho.

Ele inaugura o gênero textual adotado, qual seja as “conversas entre os participantes”. A escolha ocorreu naturalmente, a partir dos primeiros escritos, e contava então, com a participação dos três integrantes da família: Edilene, Luísa e Marcos.

Com o desenvolvimento do curso, no início do último giro e da necessidade de apresentar o primeiro esboço do trabalho de conclusão de curso, vários participantes expressaram preocupações com a escolha do objeto a ser apresentado e sua escrita. Em nossa família não foi diferente. Tanto que as primeiras ideias de trabalho de conclusão que foram traçadas no “Diário de Bordo”, a transformação de um ambiente da residência numa espécie de centro cultural da vizinhança, e, depois, a confecção de artesanato em crochê pela Edilene e sua distribuição para os integrantes do curso, não foram levadas adiante. Até a própria ideia de um trabalho conjunto dos três foi abandonada.

Partimos, então, para um trabalho de pai e filha, e outro trabalho, individual, por Edilene.

Na apresentação das propostas, inseridas no ciclo de seminários, nossa dupla optou, então, pelo que, naquele momento, considerávamos tratar-se de nossa produção artística, na forma de um vídeo que brinca com a angústia de um participante do curso – Marcos, diante da exigência da produção de um texto pela coordenação do curso, daí o título “Diálogos Interiores”. Brincadeira esta que se inicia pelo título dado: “TCC npd TCC - Diálogos Interiores”, que procurava causar curiosidade sobre a “sopinha de letras” iniciais do título, a qual é explicada na fala final do vídeo

Tanto o “link” para a visualização do vídeo como o texto com sua transcrição estão contidos na Parte II deste trabalho. Demos continuidade, desta maneira, ao gênero de Conversas, já que se trata de uma conversa imaginária de um personagem consigo mesmo.

Consideramos, inicialmente, inserir apenas a transcrição do vídeo, uma vez que traz todas as falas e imagens contidas nele. Porém, após discussão com a Orientadora, Professora Maria Gomide, verificamos a necessidade de oportunizar aos leitores deste trabalho a visualização do objeto original do trabalho, o vídeo, daí a inserção do link de acesso ao vídeo no Youtube. A transcrição, por sua vez, foi mantida por se tratar de um segundo suporte tecnológico da mesma informação, bem como facilitar a recuperação de algum ponto da fala que se queira retomar após a visualização do vídeo.

Na Parte III, com o nome de “Conversas”, os dois integrantes do grupo dialogam sobre a elaboração do vídeo, as dificuldades encontradas e a experiência de vida decorrente do trabalho. Nessa parte, o tom intimista do trabalho se eleva, já que expõe conflitos da relação pai-filha. Conflitos estes que julgamos estar presentes no dia-a-dia de muitas famílias e por isto mantidos no texto.

Importante dizer, também, que tanto a elaboração do vídeo quanto o início da escrita da Parte III se deram em condições de distanciamento entre os dois componentes do grupo. O vídeo foi gravado em partes, que foram, depois editadas e coladas, sendo que, antes da edição, Luísa permaneceu em São Paulo, com a incumbência de tratar as imagens que foram feitas no celular de Marcos, que empreendeu viagem para Juazeiro do Norte e adjacências. De forma que, nesse

período da viagem, também os integrantes da dupla utilizaram a comunicação por meio digital para dar sequência aos trabalhos.

As “Palavras finais” formam a Parte IV, com os autores abordando os conhecimentos advindos da participação no curso “Saberes Populares ...”

Até aqui, podemos considerar que, parafraseando o roteiro do curso, nosso trabalho aborda três esferas: a experiência, tanto a pessoal quanto a coletiva; as aprendizagens; e, os encontros.

Muito se falou, no curso, sobre o valor da experiência para o conhecimento de mundo. Experiência pessoal, na medida em que acontece em cada um de nós, e coletiva, quando se aprende com os outros. A outra face da relação, a aprendizagem, também foi discutida, no sentido de se reafirmar a importância do aprender fazendo. Por fim, a relação Experiência-Aprendizagem se faz presente através de Encontros, consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Neste trabalho, podemos acompanhar a experiência, tanto a individual, narrada no vídeo, quanto a experiência da família, as aprendizagens daí decorrentes, e os encontros tanto intra-familiares quanto os propiciados tanto na comunicação via mídia digital quanto as que se deram presencialmente.

O último segmento é o dos “Votos”, decorrente da tradição do Reisado na região do Cariri, e solicitado aos participantes do Curso. Formulados pela família e apresentados no último encontro virtual, os “Votos” fazem o encerramento do trabalho de conclusão incorporando parte dos Saberes Populares que recebemos através da Tradição.

PARTE I

DE VOLTA AO COMEÇO ...

FEVEREIRO DE 2021

O momento inicial do curso se deu com uma apresentação das histórias d'A Casa Tombada', da "Carroça de Mamulengos" e da relação entre ambas na elaboração e condução do trabalho conjunto, seguida de uma apresentação de cada um dos inscitos. Tudo feito através de mídia digital, na qual cada um dos participantes falava de um lugar físico diferente do outro, à exceção de nossa família, que aparecia para os demais numa única tela de computador. Em razão disso, fomos chamados de "trupe familiar".

Pensei nessa situação para lançar a proposta que apresento agora: fazermos um texto coletivo, construído, se possível, diariamente.

Como foi explicado na apresentação do curso, embora o trabalho de conclusão de curso possa se dar em qualquer suporte de comunicação, escrito ou não, deverá ser acompanhado por um texto escrito que relate o "itinerário formativo" do trabalho; ou seja, que descreva o que nos levou a fazer o que executarmos e como se deu o processo de desenvolvimento do trabalho.

Este texto não tem o objetivo precípuo de se constituir no relatório de trabalho, mas pode incluir esta possibilidade, entre outras. De qualquer forma, será, acredito, um exercício de escrita que nos ajudará ao longo de nossa participação no curso.

A ideia que proponho é de que cada um de nós três que inserir alguma contribuição o faça com uma cor de escrita diferente. Assim, a cor distinguirá imediatamente o que cada um está fazendo no texto, sem necessidade de qualquer outra identificação de autoria.

Vou começar adotando o verde. Sabe como é, né! Afinal me identifico com o Palmeiras, time de futebol daqui de São Paulo, que tinha não só meu pai como torcedor, mas toda a família dele. Lembro-me de visitas à casa da "nona"; e, lá, mais do que meu pai, havia minhas tias que adoravam o clube e não perdiam um jogo

Luísa, que tal você adotar a cor preta, do seu time, o Corinthians?

Para a Edilene não tenho sugestão em função de equipe esportiva, porque não é uma de suas paixões; então, que tal o vermelho? Cor das flores que você tanto gosta!

Outra coisa em que pensei foi sobre o trabalho de conclusão de curso. Concordo que é muito cedo para se preocupar; mas, uma ideia pode ser trocada ao longo dos próximos dezoito meses. E, não vejo nada de mais em apresentar uma proposta.

Quando falei, na apresentação, que eu me via como uma antítese dos demais participantes por não ser músico, ator, pintor ou qualquer outra forma de artista, a Maria (se não me engano com o nome) me corrigiu dizendo que a proposta do curso não estava voltada para as habilidades, mas para o ser; e que eu, com a idade de ser avô dela (não gostei disso não, rsrs) teria muitas histórias para contar, isto me deu um alívio, no sentido de poder participar com aquilo que sou.

Por outro lado, Edilene, você é uma artesã de mão cheia; e, entre as suas produções artísticas, sobressalta os trabalhos em crochê. Pensei, então, que um projeto interessante, envolvendo o seu fazer artístico, poderia ser a produção de flores em crochê. Poderíamos, em conjunto, como “trupe”, realizar pesquisas sobre plantas (ou animais, ou figuras folclóricas) das regiões brasileiras e montar uma exposição final, com a remessa dos itens da mostra para cada um dos participantes do curso, nos diversos pontos do Brasil, espalhando, assim, a sua obra.

Ao longo do curso, com as informações que iremos receber, obviamente, esta proposta pode não só ser encorpada como também ser substituída por outra.

Ao escrever este texto, não se preocupem com continuidade, alinhamento a uma ideia, ou qualquer outra preocupação com forma. Vamos, apenas, escrevendo o que nos vier à mente.

Acredito que este exercício de trabalho conjunto poderá surtir efeito não só em relação ao curso em si, mas também poderá interferir positivamente na expressão de cada um de nós. Que tal?

Vocês topam???

Como você sugeriu, utilizarei o preto. Símbolo do time do Corinthians, que já admirei muito mais do que agora.

Outra coisa legal será me impulsionar a realizar um projeto nosso diariamente. Muitas vezes me perco com relação à rotina de projetos de cunho pessoal.

Um tema que pensei aqui, para você, Marcos, é a inscrição de poemas que tem a ver com rosas, já que é um tema que você também gosta muito.

Para mim, pensei em pesquisas de cenários que mais tem a ver com rosas além de a melhor forma de se plantar rosas vermelhas, pesquisa acadêmica e artística. Seria uma boa mistura.

Agora me dei conta que me esqueci de datar o início do trabalho, que começou sábado, dia 27 de fevereiro de 2021.

De lá para cá, apesar de não ter escrito nada no domingo, foi um dia em que pensei em várias coisas sobre o trabalho. Como sua mãe não se entusiasmou muito com a ideia, me pus a pensar sobre um trabalho que fizesse sentido para mim. Tenho elaborado planos ao longo dos anos, sem dar sequer início aos mesmos. Quero ver se aproveito a ocasião para por em prática antigas aspirações.

O primeiro deles, é cuidar do espaço que reformamos na casa para ser um espaço multiuso, incluindo o escritório da casa, e que está uma verdadeira bagunça. Agora, só organizar um ambiente, não é, nem de longe, uma matéria de pós-graduação. Então, temos de explicitar melhor algumas das ideias. A primeira é de a partir da organização da “Biblioteca” oferecer aos vizinhos e adjacências o empréstimo gratuito de livros. Na intenção de organizar um mini polo cultural da Vila



Figura 1 – Escritório



Figura 2 – Escritório



Figura 3 – Escritório



Figura 4 — Escritório



Figura 5 – Escritório

Como se pode observar pelas imagens, a bagunça é geral. Sendo quase impossível localizar um documento ou um livro, a não ser com muita paciência e tempo disponível.

Iniciando pela seleção do que vai ficar no ambiente, há um bom bocado de trabalho para por ordem em tudo, de modo que cada um dos elementos passíveis de procura: livros, textos, documentos, fotografias e objetos possam ser localizados rapidamente. Depois há de se pensar na transformação visual do ambiente, introduzindo elementos que lembrem o itinerário percorrido ao longo do curso. Por fim transformando o lugar num ambiente acolhedor para encontros com familiares, amigos e outros convidados. Obviamente, neste momento, pensando no fator segurança, o empréstimo de livros, seria um serviço ofertado através de um catálogo disponibilizado em grupos de redes sociais, com a entrega do volume na entrada da casa, ficando o ambiente repaginado acessível, como já disse, aos amigos e convidados.

Parte integrante do projeto é a retomada da leitura de Ariano Suassuna , o “Romance d”A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta”. Que, acredito, tem tudo a ver com o conteúdo do Curso.

Diário de Bordo, 02 de março de 2021.

Como combinamos, ontem, Luisa, estou iniciando a escrita do dia com o cabeçário. Pensando que este não é o texto do Relatório a ser entregue no final do curso, concordamos que seria melhor nomeá-lo para distinguir do relatório. E, apesar do nome “Diário”, não temos como garantir que estejamos, diariamente, trabalhando as ideias do curso. Assim, para identificar cronologicamente cada intervenção, proponho que a cada vez que um de nós iniciar sua participação o faça com o cabeçário. Saberemos, assim, quem “fala” (pela cor) e quando “fala” (pela data inserida após o nome desta escrita: “Diário de Bordo”).

Sobre o que você me disse hoje pela manhã, no carro, não penso que os projetos que anunciei até aqui sejam “grandes”, pelo contrário. São perfeitamente exequíveis no espaço de tempo que teremos ao longo do curso. E, repetindo-me, com o avanço do curso, nada impede que sigamos em outras direções.

02/03.03.2021

Motivada pela escrita do Marcos e pela cobrança, fico sempre na expectativa que devo escrever algo para iniciar uma escrita, coisa que sempre tive muita dificuldade, muito medo e nunca que aprendi.

Meus trabalhos de escola sempre foram pautados pela ajuda de meus queridos e amados amigos e assim será esse, senão nunca entrará no papel e nunca sairá para fora dele para que seja avaliado para a conclusão do curso que resolvemos arriscar.

A ideia do curso é maravilhosa, o aprendizado com certeza será muitíssimo enriquecedor, mas aí, até ter uma escrita e um projeto vai além de capacidade.

Hoje pensei numa palavra e numa busca constante de todos de alcançar a felicidade. O que é a felicidade, onde se busca, como se consegue chegar a ela?. Será que o dicionário nos dá esta resposta? Por hoje, acho que consegui a meta da família.

Creio que a felicidade está muito ligada com outra palavra: a de liberdade, a qual acho importantíssima. A liberdade é uma coisa que devemos conquistar, buscar muito a fundo. Na sociedade somos podados por tantas e tantas coisas, por tantos e tantos limites, que não imaginamos a imensidão disso tudo. Desde muito pequenos nós mesmos podamo-nos da liberdade por medo de ser, por medo de quem está ao seu lado, por medo de seu pai, de sua mãe, de seu irmão, de seu vizinho de tudo que está ligado ao seu eu. A sobrevivência está ligada a liberdade que temos ou que não temos. E aí vamos juntando uma porção de palavras tão intrinsecamente ligadas uma na outra que perdemos o foco daquilo que buscamos que é a descoberta do que ser felicidade, liberdade e sobrevivência.

Descobrimos aos poucos que nada é só uma coisa, nada é só uma palavra.

Diário de bordo, 03 de março de 2021.

Falando de escrita, também tenho muita dificuldade de me expressar por meio dessa modalidade de comunicação. Mas um dos objetivos de se fazer o curso não é aprender habilidades novas? Fiquei pensando hoje em minha resistência em aprender novas habilidades que sejam práticas. Mas, vamos que vamos.

Acho interessante a ideia de pintar aquelas paredes do escritório com inspirações de livros, porém temos que tomar cuidado com poluição visual.

Matutando a ideia pensei em cada uma das paredes ter uma capa de livro pintada, outra ideia seria colocar frases famosas dos próprios livros que temos.

Diário de bordo, 4 de março de 2021

Dia corrido ... não sobrou tempo para pensar sobre “O que nós mesmos podemos fazer ...”

Uma ideia, porém, que não é de hoje, veio a se somar ao que tinha pensado sobre a organização do espaço e sua transformação num ambiente impregnado pela iconografia (depois vejo uma palavra melhor) baseada nas experiências que vivenciarmos: não é só o ambiente do “escritório”. Porque não ampliamos para fora, incluindo o quintal da casa? Temos um quintal com árvores e um monte de muros sem nenhuma identidade. Podemos integrá-los na experiência e criarmos toda uma paisagem ao nosso redor. Ao invés de contratar um pintor e definir uma cor de parede, podemos, nós mesmos fazer a base da pintura e criarmos um mundo de significações.

Por muito tempo, visualizei imprimir na parede da frente da casa uma imagem do trem da Cantareira, que eu tive a felicidade de utilizar por, se não me engano, duas vezes apenas (sempre invejei meu irmão, que ia diariamente de trem para o Curso de Admissão).

Nas poucas vezes em que pude viajar no Trem da Cantareira, eu era bem pequeno e minha mãe levou a mim e meus irmãos (éramos em sete) para passear de trem. O trajeto: da Estação do Horto até a Parada Sete. Não dava cinco minutos, mas era uma aventura.

Agora, com a expectativa de encontro com um mundaréu de imagens vindas dos integrantes do Curso, acho que teremos muitas possibilidades de criar um ambiente bonito e acolhedor, que convide a quem por aqui se encontrar dedicar um “dedinho de prosa” sobre o local.

Diário de Bordo, sábado, dia 06 de março de 2021

Dia chuvoso, como há muito não acontece em São Paulo. Não pela quantidade, mas pela duração das chuvas: chove intermitentemente desde a madrugada, às vezes a chuva engrossa um pouco, depois ameniza, vira um chuvisco e pára. Sem raios, o que é uma bênção para mim. Gosto de chuva sem raios e seus consequentes trovões.

A Luísa deu a ideia de escrita de trechos de livros nas paredes; e, vendo o ambiente do quintal, pensei em utilizar as pedras que estão depositadas num canto e distribuí-las pela grama, pintadas e com o poema do Drumond - “No meio do caminho tinha uma pedra”.



Figura 6 – Quintal

Retomei a leitura da “Pedra do Reino”: cumprindo a missão que eu tinha me dado. Devagar ... algumas páginas por dia.

Diário de Bordo 13/03/2021

Olá pessoal, depois de muito tempo venho para este lugar virtual de novo.

Hoje vejo alguns dos materiais da carroça e que concordam com a nossa ideia de pintura. Vejo ali algo bem leve, mas com compromisso.

Pai, Gosto muito da sua ideia do trem. Algo nosso, nossa cultura, mas penso também em colocar algo de hoje, ou de dois anos atrás, que foram os festivais de cerveja, a casa de cultura hoje aqui do Tremembé.

A pintura da pedra não me agrada muito não, somente a pintura do muro.

Com relação aos materiais vistos hoje, fiquei impressionada que eles são heranças dos saltimbancos. Logo pensei nas músicas, acham que tinha um projeto maior? Vocês sabem?

Concordo com eles quando falam que o país tem dificuldade de autoconhecimento e auto aceitação, eu me considero uma pessoa incluída nas características anteriormente citadas. Uma das partes que gostei do material foi no e-book da família quando eles falam sobre o contador de história. Achei bem interessante eles falarem da pirofagia, fiquei logo imaginando algumas imagens de sopradores de fogo. Nesta parte a falas de todos que ensinaram a Maria a ser artista de rua em diversas modalidades.

Diário de Bordo, terça-feira, 16 de março de 2021

Lú, também gostei do material de acolhimento da Casa na Nuvem, mas confesso que não li tudo não. Vi os vídeos de Acolhimento, da Turnê do Cariri, e Menino Rei. Também vi um episódio do “Plantão de Utilidade Lúdica”, com Maria Gomide e sua filha Ana, que achei super legal (este não está no “cardápio” do curso; e, não sei como encontrei).

Quanto ao projeto, li umas páginas do “Pedra do Reino” e só.

Diário de Bordo, domingo, 21 de março de 2021.

É, esse “diário” não tem sido uma experiência diária! Mas, esse é o problema menor. o quê escrever é o problema.

Ontem, passei o dia inteiro escaneando documentos para organizar os arquivos, tanto o físico quanto o virtual. No arquivo físico, dispúnhamos de apenas uma pasta com o título “Documentos”, uma com o título “Escola” e outra com o título “Diplomas”. Refiz a organização, com pastas de “Documentos Pessoais” e “Documentos Escolares” para mim, para a Edilene e para a Luísa; e, pastas com o título “Documentos” para o Pedro e para o Heitor, já que não estão mais morando com a gente, o volume a ser guardado dá para caber em uma única pasta para cada um.

Também reorganizei os arquivos virtuais criando uma pasta com meu nome, uma com o nome da Edilene e outra com o nome da Luísa, cada uma delas subdivididas em pastas de documentos pessoais e documentos escolares,

Esta reorganização ocorreu no sábado, mas foi ontem que fiquei, como já disse, o dia inteiro entre escanear documentos e dar continuidade na leitura da “Pedra do Reino”, nos intervalos de troca de folha na impressora.

Recebi uma mensagem em rede social que me fez dar sentido ao que estou fazendo no que tange ao projeto da pós: se a pergunta inicial é o que podemos fazer por nós mesmos, penso que cuidar de si, cuidar do outro e cuidar do meio ambiente é o gancho para o projeto. De fato, embora tenha um milhão de documentos guardados (sou compulsivo nesta questão), na hora de encontrar o que quero é uma tortura. Encontro um bilhete de uma colega professora que me escreveu a trinta anos atrás e não encontro o documento que guardei há pouco tempo. A operação de escanear documentos só é executada naqueles que têm importância para tal. Sobra, então, uma enormidade de papéis que têm apenas importância sentimental; e, uma sensação de que, de alguma forma, possam servir de pesquisa futura. Neste sentido, guardo, por exemplo, um caderno do segundo ano primário, que, creio, seria muito interessante para quem se disponha a fazer um quadro comparativo da educação atual e os idos do início dos anos 60.

Diário de Bordo dia 21 de junho de 2021

Faz muito tempo que não passo por aqui. Desde a última vez foi muito aprendizado. Fizemos uma bandeira, aprendemos um pouco mais sobre memórias e vivências, já discutimos bastante também, fizemos pão, cuscuz, um caderno, uma

história em vídeo e muito mais. Aprendemos a história dos caldeirões no nordeste e como eles tinham um senso de comunidade muito bom.

Hoje o exercício seria fazer uma história sua, uma bio-fantasia no caderno feito pela gente. Pensei em dois formatos de cartas, vários tipos de cartas para mim mesma e sonhos com os significados já que sonho bastante. Porém acho que fico com o formato das cartas. Ainda não comecei. Nem gostei da contracapa que fiz no meu caderno. Pensei em reviver nosso caderno digital por conta disso, seria estranho escrever uma carta para mim mesmo.

Diário de Bordo, 27 de junho de 2021

Talvez devêssemos repensar sobre a denominação que demos a este escrito “Diário de Bordo”. Pensando na periodicidade que estamos produzindo o melhor seria “Mensal de Bordo” (rsrs). Sabia que não conseguiria produzir diariamente, mas o “Diário” foi quase abandonado, não fosse a Luísa ter voltado a escrever e me comunicado desta decisão.

Aconteceram muitas coisas no Curso. Aulas prá lá de interessantes. História, da Carroça e seus integrantes, cada um com um olhar da multifacetada produção do grupo; e, História do Brasil, com situações e personagens que nunca tínhamos ouvido falar, Arte, e até Culinária.



Figura 7 - Bandeira de Marcos

Da nossa parte, produzimos as nossa bandeiras

No meu caso, pensei numa junção de imagens que trouxessem aspectos de minha experiência de vida.

No centro, até porque havia uma comanda inicial de produzimos a “Bandeira do Divino”, cuja característica principal é a figura da pomba, inseri a imagem do pássaro; e, também, porque na infância fui muito ligado à Igreja Católica com suas representações.

Introduzi, então, a Cruz Andina, que muito me impressionou em viagem que fiz com a Edilene ao Peru.

Cruz que faz parte de uma cosmologia muito interessante, na qual emergem as figuras da cobra, do puma e do condor como representações dos planos de existência humana. Elementos estes que remetem a minha identificação como pessoa latino-americana. Isto me levou a considerar a necessidade de introduzir

representações de identidade brasileira (uma oca indígena), de procedência europeia (a loba de Roma, símbolo da cultura italiana); e da gênese africana da espécie humana (a sankofa, símbolo da cultura Adrinka).

Depois de pensar em termos geográficos, completei com aspectos de minha formação escolar: os arcos olímpicos, para a Educação Física, e um livro, para o curso de Letras. Também não podia faltar a representação do esporte que sempre pratiquei, o Judô, na forma da figura de seu traje típico, o kimono.

Finalizei a bandeira com um dístico que recebi de meu professor de Judô, Simão José da Silva: “Faça o Bem”



Figura 8 - Bandeira de Edilene



Figura 9 - Bandeira de Luísa

Na sequência das bandeiras, produzimos as biofantasias (vídeos), que foram postada no painel do Curso.

Mais recentemente, tivemos uma aula sobre a elaboração artesanal de um caderno, cujas capas foram colocadas no “WhatsApp” Pós Graduação Oficial, grupo de comunicação do grupo:

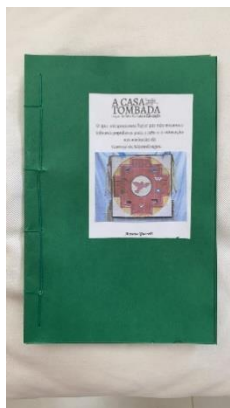


Figura 10 - Caderno de Marcos



Figura 11 - Caderno de Luísa



Figura 12 - Caderno de Edilene

O desafio agora é escrever no caderno.

Diário de Bordo, 28 de Julho de 2022.

Considerando que a última escrita foi a 1 ano, 1 mês e 1 dia atrás preciso atualizar a escrita antes de falar da viagem a Juazeiro do Norte.

A ideia das pinturas nos muros da casa não vingou, mas a organização do escritório está melhor e já conseguimos fazer os catálogos e até postamos algumas cópias nos grupos de whatsapp, da família e da pós-graduação. Conseguimos emprestar dois livros na última semana. Já fizemos um banco de dados para os livros emprestados. Um banco de dados simples que uma estudante do curso, Carmem, se propôs a nos ajudar com essa ideia, já que ela é analista de sistemas.

Retomando, rapidamente, o desenvolvimento do curso de pós-graduação “Saberes populares...”, lembramos que ele foi ministrado na estrutura de três etapas, denominadas Cirandas.

A primeira ciranda foi a apresentação das habilidades individuais de cada integrante da família, adentramos, virtualmente, então, na casa do Carroça de Mamulengos.

Depois, na segunda ciranda, conhecemos alguns amigos dos integrantes da Carroça que viajaram e conviveram com eles. Dentre eles, destacamos o palhaço Mandioca Frita. Também conhecemos outros mestres da cultura, como o mestre Dodô, mestra Marinez, Mestre Nena entre outros. E também tivemos a participação de professores convidados “A casa Tombada” como a professora Luíza, a professora Dani.

O começo da ciranda foi sobre convivência comunitária e socioeducativa. As mudanças de mundo pelo voluntariado, pela arte e bom humor, mas também com muita luta, nas revoluções civis dos caldeirões e de canudos. Assim como pela sustentabilidade, harmonia com a natureza e equilíbrio de formatações individuais da vida.

Houve, no finalzinho dessa ciranda apresentação dos grupos dos alunos sobre tradições em diversos aspectos da vida. Este trabalho foi importante para conhecer um pouco alguns projetos dos estudantes sobre a cultura popular e pude observar a minha capacidade de encabeçar um projeto em uma escola. Tive a oportunidade de desenhar, junto com as crianças de uma turma que trabalhei em 2021, quais tradições, naquela comunidade, as crianças viviam e se elas entendiam as tradições escolares como tradições das vivências delas. Muitos entenderam as tradições como vivências ritualísticas, anuais, como eu expliquei para os alunos da turma,

mas não colocaram feiras tradicionais da escola como tradição popular. Entendi então que a tradição tem que ser realizada de forma totalmente voluntária.

Foi neste momento que percebi o quão rico foi o saber em outras escolas, em outros aspectos de tradições. Aqui foi colocada também a reflexão de como as tradições se fortalecem, mas se modernizam também. Foi uma das perguntas que fizemos aos vários mestres que ouvimos.

Depois desse segundo giro começaram as escritas, que chamamos de tecendo confluências comunitárias, e, com isso, as apresentações dos alunos sobre seus projetos, tanto em escolas, nos lugares em que trabalham, como na vida, para florir o mundo sem a necessidade de reciprocidade financeira, de forma voluntária e liberta, querendo somente espalhar as tradições populares e também espalhar maneiras de fazer por eles mesmos algo para crescerem.

O nosso projeto cominou para o início, a ideia de emprestarmos os livros de casa, entretanto sem as pinturas dos muros, porém falamos também sobre nossas vivências, de cunho mais profissional.

No final, com um pedido de uma das alunas dos curso, fomos até Juazeiro do Norte. Finalmente aprendendo da forma como eles aprenderam, pela vivência. E fico surpresa de perceber e sentir realmente o como guardamos bem mais na vivência do que em aula! Falarei um pouco mais dessa vivência na parte final, considerações finais.

Parte II

Diálogos Interiores

[Tecendo Confluências Comunitárias: Diálogos interiores](#)



Figura 13 – Vídeo “Diálogos Interiores”

- Escreve!
- Mas escrever o quê?
- Qualquer coisa, apenas escreve!
- Mas, e as vírgulas?
- Ora as vírgulas, quem liga pra elas? Depois você as joga em qualquer lugar.
- Não sei não ... isso pode dar ruim ... Não é tão fácil assim; pelo contrário, escrever é difícil.

- Difícil por quê? É como aprender a andar ... um passo depois do outro ... É só por uma palavra após outra

- Palavras ... saem da boca uma atropelando a outra ... às vezes até engolem um pedaço umas das outras quando falamos. Na oralidade não precisamos pensar se elas, as palavras, são com “e” ou com “i” no final. Mas, se for preciso fixá-las no papel qualquer alteração pode virar uma confusão. Além disso, falta um objeto para a escrita. Algo do que se falar.

- Pare de frescura. Se precisa de alguma coisa, pegue o que estiver à mão ... aquela fotografia por exemplo ... e conte sobre ela



Figura 14 – Rio Araguaia

- 1975, Xambioá, às margens do Araguaia, no então Estado de Goiás. Chegamos lá poucos meses após o exército brasileiro ter dado como encerrada a Guerrilha do Araguaia.

Oito moços, com mochilas às costas para encontrar ruínas de uma civilização perdida, a partir de traços gravados em rochas na ilha dos Martírios, alguns quilômetros rio acima.

Sem ter a mínima ideia do que havia se passado por ali. Pedaco de uma história do Brasil que não nos é dado conhecer integralmente; e, que em certos casos, como no “Caldeirão de Santa Cruz do Deserto” é simplesmente apagado da consciência nacional.

À beira do rio, uma jovem lava roupas ao entardecer. Eu não tinha critérios para fotografar, mas aquela cena me encantou.

A luminosidade e, sobretudo o contraste da imensidão das águas com a simplicidade da vida ribeirinha...

Depois de subir o rio, durante o acampamento na ilha, uma primeira lição: a travessia do Araguaia, com mais dois colegas do grupo, num bote conduzido por um “velho” (na minha perspectiva da época), tendo como companhia uma criança; que, de vez em quando, com um prato de alumínio retirava a água que entrava na embarcação; já que o peso dos três caronas fazia com que atravessássemos os quase dois quilômetros de largura do rio com as bordas da embarcação a não mais do que alguns centímetros acima da linha d’água.

E, apesar do receio pela insegurança da viagem, um pensamento martelava a cabeça: cadê os jovens da região?

Chegamos à vila e o segundo espanto: a fartura da natureza, que nos proporcionou a compra de laranjas, que nós mesmos tiramos da árvore, por um preço irrisório. Numa terra tão rica, por que os jovens tinham de sair dali para ganhar a vida?

Naquela região, também fiquei sabendo que ali as estações do ano se resumiam a duas, uma vez que o calor era constante: tempo de chuva e estiagem.

Lembrança boa!

Lembranças ... mas de que valem as lembranças?

De algumas eu tenho até algum registro para ajudar a memória, como esta foto. Mas, nesta minha vida que tem mais tempo no espelho retrovisor do que no para-brisas, o que fazer com as lembranças?

Guardo-as com carinho e sinto prazer em recordá-las, e até um prazer maior quando tenho alguém com quem dividi-las; mas, daí a transformá-las em trabalho de pós-graduação não dá liga!

- Por que não? Não disseram que tem de vivenciar, experienciar antes. Que neste trabalho, a escrita é a marca do que foi feito, não vem antes.

Bem... fazer, eu fiz... e não foi pouca coisa.

Comecei no esporte antes mesmo de entrar para a escola. Tenho, ainda, comigo minha primeira medalha no Judô, que ganhei em 1960, logo depois da inauguração de um clube que meu pai, um autodidata da Arquitetura, projetou.



Figura 15 – 1ª medalha

Com ele, aprendi a profissão de desenhista de arquitetura antes mesmo de ingressar no Curso de Edificações da Escola Técnica Federal. Profissão que abandonei, depois de um primeiro vestibular na FAUUSP, porque percebi que não conseguiria ter autonomia de vôo... De fazer os meus projetos, permanecendo no escritório paterno. Enveredei, então, para a Educação Física, já que tinha um pé no esporte como faixa preta de Judô.

O começo no magistério municipal foi desconfiado ... “fico três anos pra ver como me saio”. Três anos depois, ainda não tinha certeza: “acho que preciso de mais dois anos para poder decidir ...”. Ao final do quinto ano não lembrei mais da dúvida inicial; e, lá se vão quarenta e dois anos!

Logo no primeiro ano, em plena Ditadura Militar, a primeira lição que me fez pensar sobre minhas convicções: a Escola, como era de praxe, iria desfilar na comemoração de Sete de Setembro. E, uma das funções do Professor e da Professora de Educação Física era preparar os alunos e alunas para o desfile. Eu não tinha dúvida: todos deveriam participar, mesmo os que não tivessem o uniforme da Escola. Aí, a Diretora Altair me disse para não fazer isso.

- Olha Marcos, se você levar os meninos com tênis rasgado e camiseta furada, eles vão ser alvo de chacota e vão ficar envergonhados; infelizmente, tem muita gente no meio do povo que vai rir dos alunos; e, eles vão se sentir mal!

Compreendi, então, que ela estava preservando a imagem daqueles menos economicamente afortunados e aceitei o conselho.

Desde o começo, algumas preocupações ganharam espaço no meu fazer. Uma das primeiras relacionava o campo da Educação Física com o do Direito. Explico: por mais cedo que chegasse na quadra da escola, encontrava os alunos jogando futebol; e, como não tinham relógio para marcar o tempo de jogo, uma regra de revezamento dos times estava definida – “Quem ganha fica”. Ou, se quiserem, “a lei do mais forte”! Perfeitamente integrada aos padrões dessa nossa sociedade brasileira.

- E, como funcionava?

- Simples: alguns alunos mais habilidosos formavam uma equipe e os demais, com poucas chances de enfrentá-los, constituíam as outras. O jogo era disputado até que uma das equipes fizesse três gols. De maneira que era comum uma equipe permanecer jogando continuamente, enquanto as outras iam se revezando nas derrotas.

Foram várias as discussões que fiz com os alunos sobre o tema, assim como sobre a preponderância do uso da quadra pelos meninos, quando as aulas passaram a ser mistas, e eu encontrava os meninos jogando bola e as meninas aguardando sentadas.

Uma ideia simples como o direito de todos e todas utilizarem a quadra em condições iguais, seja em relação aos mais habilidosos seja em relação aos meninos frente às meninas, passa, até hoje, por uma barreira quase intransponível: a herança autoritária e machista de um país formado por uma sociedade escravocrata.

E, se no geral sinto que não fiz muita diferença, tive alguns momentos de invencionice pedagógica que ficaram mais vivos na memória.



Figura 16 - Escola João Ramos 1980



Figura 17 – Escola João Ramos 1980

Ensinar basquetebol numa meia quadra que só tinha uma tabela de cesta para o arremesso fixada no muro de arrimo até que não exigiu muita criatividade, pois os exercícios de controle de bola eram os mesmos que aprendera na faculdade. Mas, na hora de realizar o jogo e até campeonato nestas condições, a solução foi alterar a regra do esporte:

- depois de uma cesta conquistada ou da recuperação da posse da bola diante de um ataque frustrado, os dois times devem retornar para o fundo da quadra, do lado que não tem a cesta, para retomar a ação.

Neste caso, imperou uma simples lei da adaptação, ou no jargão popular: “quem não tem cão caça com gato”.

Já em relação à conexão da Educação Física com a Arte, acho que fui mais longe. Mas não muito longe não! Nada comparável aos colegas do curso. Estes sim, dá gosto de ver! Tem cantor, ator, artista plástico ... tanta coisa! E mesmo quem não se declara artista faz cada apresentação no capricho, que fico pensando ... como é que vou apresentar minhas lembranças?

O Guga, por exemplo com alguns pedaços de papel, contou a história da família dele e até reproduziu a fala de cada um dos integrantes da conversa, lá no começo do curso. Emocionante!

E, agora, com as apresentações semanais, que coisas mais lindas! Acho até que tá havendo uma certa competição, no bom sentido, de cada um se esmerar mais para fazer bonito. Como é que, então, vou me aproximar dos colegas que me antecederam?

Acho que vou pedir emprestado a ideia do Guga de fazer alguma coisa com papel para não ficar só na palavra falada. E, lembrando outro dito popular – “Quem não cola não sai da escola”, vou recortar, assim como ele, algumas figuras de papel para ilustrar outra atividade que desenvolvi. Ich! Mas, esqueci que minhas habilidades artísticas são próximas de zero!

- Não tem problema não, peça para a Luísa que ela faz.

- Venham cá, alunos, alguém de vocês já foi visitar, ou sabe o que é um museu de arte?

- Então? ...

- Visitar ninguém visitou; mas, sabem o que é?

- Um lugar cheio de quadros?

- Isto também, mas pode ter muitas outras coisas. Esculturas, por exemplo. Hoje, vamos criar peças para um museu de esculturas e depois vamos visitá-lo. Formem duplas.

- Antes de começar, porém, vamos pensar um pouco sobre a natureza da Arte. Eu penso que ela pode ter duas formas básicas: uma manifestação do interior do artista ou uma expressão que surge fora dele. Nesta segunda forma estão, por exemplo os retratos de pessoas feitos por muitos pintores que eram pagos pelas famílias. Ou seja, há um modelo que o artista vê e reproduz, imprimindo sua marca pessoal, mas que tem um objeto que ele pode observar. No primeiro caso, a ideia inicial surge no próprio artista e ele pode expressar sua ideia por muitas formas diferentes.

Hoje, vamos fazer assim: um dos alunos é o artista e o outro é o material que ele vai utilizar para fazer a sua obra de arte. Tem de ser um material que se possa moldar com as mãos - argila, por exemplo. De forma que o aluno que será a obra não pode interferir no que o artista está fazendo. Lembre-se! Você deve deixar o artista te moldar sem alterar a posição que ele determinar.

Já vocês, artistas, lembrem-se de que seu colega tem alguns limites de posição que ele pode assumir. Então, não dá para deixá-lo numa situação em que seu corpo não aguenta ficar por muito tempo. Também, não pode criar uma situação vexaminosa. Muito bem, ao trabalho!

- Terminaram?

- Agora vamos visitar o museu. As estátuas permanecem onde estão. Vou conduzir os visitantes e ao nos aproximarmos de uma escultura, seu autor fica ao lado da sua obra e fala sobre ela.

- O que temos aqui? ... Um atleta jogando futebol. Que legal!

- E aqui? ... Uma bailarina. Muito bom!

Nunca tive qualquer problema com essa atividade. Pelo contrário, os alunos e alunas participavam muito compenetrados; e, em momento algum surgiu qualquer situação que me fizesse arrependê-lo da proposta.

Além de professor, atuei como diretor de escola, coordenador pedagógico, supervisor escolar e tive duas experiências junto a administrações municipais: a primeira como integrante da equipe do Núcleo de Ação Educativa, durante a Administração da Luíza Erundina, com o Professor Paulo Freire à frente da Secretaria de Educação; e, outra, primeiramente como Diretor Regional (pouco mais

de dois meses) seguido de Supervisor Técnico, por oito anos, coordenando a ação dos supervisores escolares da região onde atuou.

Como supervisor escolar, umas das ações que desenvolvi foi a promoção de encontros de equipes gestoras das unidades educacionais em que atuava. Num desses encontros, convidei o Professor José Sérgio Carvalho, da Faculdade de Educação da USP, que se apresentou logo após um Coral da Escola Municipal que sediou o evento. Ele iniciou sua fala com uma frase que guardo até hoje:

- Não há nada que a Ciência apresente que a Arte não o faça ainda melhor!

Isto ficou bem claro durante esse nosso curso. As impressões mais vibrantes das alunas e alunos, até aqui pelo menos, giraram em torno das apresentações dos artistas do Cariri. Que tocaram, sem dúvida, mais profundamente a sensibilidade de todos nós. Porém, tivemos, também, falas de professores da Universidade. E, embora, vira e mexe, praguejassem contra a Academia, foram transmitidas ideias vigorosas, apenas com a maestria da fala treinada anos a fio pela mesma Instituição. Falas que traduziam para o intelecto o que estávamos sentindo na alma com o Bacamarteiro, com os Mestres de Reisado, com as Carpideiras, sem falar dos integrantes do Carroça, cada um mais potente do que o outro. Entre estes, a fala do pai, Carlos Gomide, une a Arte a uma “Consciência de Mundo” :

“Temos de buscar justiça social, buscar equidade, temos de buscar a vida viva, nós temos de buscar vida em abundância porque o folguedo, a cultura, seja em qualquer lugar em que estejamos, ela só pode ser fruto da fartura; ela não pode ser fruto da miséria!”

O que Carlos Gomide nos instiga a perceber - a condição social do artista popular, pode levar ao questionamento das diferenças entre os artistas regionais por um lado e a Carroça de Mamulengos (a título de exemplo) por outro. Arrisco dizer que há uma diferença fundamental entre um agricultor, que tira dessa condição o seu parco sustento, e que, em alguns momentos para divertir-se e trazer diversão a sua gente se transforma no Palhaço Mateus; e, aquele, aquela, aqueles que fizeram da Arte o seu fazer principal.

As condições de vida do primeiro seguem as da grande maioria do povo numa sociedade que explora a mão de obra de uma forma brutal. Já entre aqueles que fizeram da Arte a sua profissão encontraremos, assim como em qualquer campo de atuação profissional especializada, os que alcançaram fama e sucesso e

os que, independentemente de sua genialidade, lutam arduamente para se sustentar.

Estas condições de vida descritas acima podem parecer o óbvio ululante, o que já sabemos e que parece não ter jeito. E, ao compararmos nosso país a outros que alcançaram o patamar de oferecer a todos os seus habitantes condições dignas de sobrevivência, é comum encontrarmos explicações que culpam o segmento mais pobre da população pelo seu estado ou o governo, ou ainda a ambos, sem enxergar, no entanto, os interesses e ações do estrato superior da sociedade de classes que vivemos.

Neste curso aprendemos que Padre Mestre Ibiapina, que atuou em várias esferas de poder dentro da estrutura do Estado; após se desencantar com o potencial de alteração do status quo da população por parte de cada uma das esferas de poder, passou a uma ação direta de intervenção social, a partir do pensamento “O que nós podemos fazer por nós mesmos”. Esta frase tem frequentado minha cabeça desde o começo do curso. Inicialmente, considerei-a um tanto neoliberal demais:

- já que ao Estado não cabe atender as necessidades do povo, vamos fazer por nós mesmos.

O que, pode enveredar por uma ideia de desresponsabilizar o poder público de suas atribuições. Mais para frente, com a informação das ações desencadeadas no sentido de cobrar os governantes para que cumprissem seu papel frente às necessidades dos cidadãos comuns, percebi que o chamado pela solidariedade não descarta a devida fiscalização em relação ao poder público nem à crítica da estrutura da sociedade brasileira.

Por muitos anos, tendo em vista o acúmulo de dois cargos públicos, minha jornada diária ia das sete da manhã às dez da noite. Aposentado de um dos cargos, vivo agora a normalidade de trabalhar apenas oito horas por dia, o que, ainda, não me possibilita uma vida de “range rede”, descrita pelo jagunço Tatarana, da obra de João Guimarães Rosa - “Grande Sertão: veredas”

Nesta minha trajetória, li muita coisa, e cometi uma grande bobagem: quase tudo eram escritos relacionados a minha atuação profissional; deixando um pouco de lado a literatura.

Porém, o apelo de Carlos Gomide, no final de março, instigando-nos a participar mais ativamente junto à comunidade, me fez lembrar um outro que li no começo da minha vida profissional, escrito por Ivan D. Illich, em 1970: o *Apelo à Celebração*:

“Eu e muitos outros, conhecidos ou desconhecidos meus, a vós apelamos:

- *para exaltar nosso poder conjunto de prover todos os seres humanos do alimento, roupa e abrigo que lhes são imprescindíveis para que possam desfrutar do prazer de viver;*
- *para que vos junteis a nós, a fim de descobrir o que devemos fazer para utilizar a humana capacidade de criar a humanidade, a dignidade e a alegria para cada um de nós;*
- *para que vos torneis responsabilmente conscientes de vossa capacidade pessoal para exprimir vossos verdadeiros sentimentos e para vos reunirdes a nós nesta expressão.*

Somos forçados a viver essas mudanças: não nos é dado planejar nosso caminho para a humanidade. Cada um de nós, e cada um dos grupos em cujo seio vivemos e trabalhamos, deve se tornar o protótipo da era que desejamos criar. Os muitos modelos que se hão de desenvolver deverão proporcionar a cada um de nós um ambiente onde seja possível exaltar nossa potencialidade – e descobrir o caminho para um mundo mais humano.”

Creio que, inconscientemente, este apelo sempre me acompanhou; e, conscientemente, me dispus a atuar nesta perspectiva de melhorar o lugar em que vivemos, de um lugar específico: a Escola Pública.

Uma escola regular, presencial (até o momento em que estava atuando na Supervisão); e, hoje, híbrida, que se tornou parte fundamental da minha vida.

De modo que recebo com algum desconforto os ataques, mesmo que justos que ela sofre.

Concordo, em termos, com Cristovam Buarque quando diz algo como “o fracasso da escola pública não é um desvio de percurso, mas sim Projeto”. Um projeto das elites no sentido de manter a população mais pobre à margem da divisão de riquezas produzidas pelo conjunto da sociedade.

Mas, também concordo com Paulo Freire quando diz que "A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda", e segue: "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo."

Convivi e convivo com professores que tem sérias críticas a respeito da estrutura e do funcionamento da instituição escola; e, que se dedicam em pensar / fazer uma escola diferente. Que tenha mais a ver não só com a melhoria das condições de vida do aluno, mas também com o aprimoramento da sociedade brasileira, tal como exposto no Preâmbulo da Constituição do Brasil:

(...) um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias (...)"

Destas ideias todas, inseridas neste pequeno trecho de nossa Carta Magna, tem-me desafiado mais o termo "Estado Democrático"; e, mais precisamente: como chegar lá partindo do nosso patamar de civilização?

Apesar da "Gestão Democrática" do ensino, estar inserida como um dos princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tenho a nítida impressão de que este não é um tema importante nem na educação básica, nem no ensino superior e nem nas tradições culturais de nossa terra.

Se não deturpo, inconscientemente, a fala de alguns dos mestres que conhecemos neste curso, a brincadeira tem um líder que é quem comanda o grupo. Há, sem dúvida, como em toda atividade coletiva (circo, teatro, balé, orquestra, banda, ensino, administração pública, etc) uma participação, em maior ou menor escala, dos integrantes do grupo nas decisões, mas tem de haver alguém que "comanda o espetáculo", é natural.

Natural? Não para todos os tipos de sociedade.

Ouvi, certa vez, numa entrevista concedida pelos irmãos Vilas-Boas, que nas comunidades indígenas com as quais tiveram mais contato, a figura do que nós chamamos de "chefe" constituía-se, na verdade, de um integrante da comunidade que pela sua idade e experiência gozava de grande respeito, e por isso suas falas eram levadas em consideração ao se tomar alguma decisão importante; porém, não

significavam uma ordem a ser cumprida. O indivíduo tinha total liberdade de seguir outra orientação se desejasse. Nem por isso, entretanto, as comunidades dos povos originários deixavam de ter uma rígida divisão de tarefas em função de sexo e idade, definidas culturalmente.

Uma das críticas frequentes que recebi ao coordenar o grupo de supervisores escolares da Diretoria Regional foi o de não dirigir o processo de decisão de uma forma mais incisiva. De fato, creio ter sido o campeão de “voto vencido” nas decisões que dividi com o grupo. Ô coisa difícil que é declinar do poder “natural” de definir, do alto da “cadeia de comando” os rumos a seguir!

Causa-me estranheza, no entanto, ver colegas professores reduzindo a experiência escolar a um único modelo fracassado.

Neste curso, retomando estudos sobre as ideias pedagógicas, no livro de Dermeval Saviani, deparei-me com o desejo de mudar os rumos da escola brasileira já nos meados do século XIX, com o Barão de Macahubas, Abílio Cesar Borges, passando pelo Movimento da Escola Nova, dos Pioneiros da Educação do começo do século passado, chegando até os dias atuais.

Sem desconsiderar as críticas sinceras, que almejam o aprimoramento da Instituição Escolar, costumo contra argumentar aos adeptos do pensamento de que a “escola boa era a de antigamente, quando os alunos aprendiam de verdade, porque só passava de ano que sabia mesmo”, com o que pude observar na minha experiência docente.

Quando iniciei meu trabalho na Escola Municipal João Ramos, em 1980, a Escola, como qualquer outra da região, tinha dez classes de primeira série, com seus trinta e cinco alunos cada uma, e uma de oitava série (final do curso naquela época), com seus vinte e sete, vinte e oito alunos. Menos de dez por cento da turma inicial! Do primeiro para o segundo ano, das dez classes do primeiro ano eram formadas cinco segundas séries - cinquenta por cento!

O que aprenderam os que eram expulsos da Escola? Para quê, meus Deus, uma escola assim?

Encontrei a resposta no livro de Otaíza Romanelli – “A Educação no Brasil de 1924 a 1974”: uma escola com esse perfil atendia perfeitamente a uma função precípua: “a seleção dos melhores”!

Tratava-se, portanto, não de educar crianças e jovens para a vida cidadã, mas de selecionar aqueles que tinham o “direito pelo esforço individual” de virem a

frequentar o ensino superior, único patamar de educação que, de fato, importava para a sociedade, extremamente verticalizada, que vivemos.

Hoje, na mesma escola João Ramos, dos três primeiros anos que ingressam temos duas turmas de nono ano. E, aos que me rebatem dizendo que antigamente o ensino era mais forte, que os alunos e alunas aprendiam de verdade e os de hoje saem sem saber ler e escrever, eu retomo a estatística que apresentei: considerando que todos os vinte e oito alunos certificados na década de oitenta haviam aprendido o que se esperava; hoje, mesmo contando com dois, três alunos concluintes com enormes dificuldades na escrita e um número aproximado de cinquenta por cento que não aprendeu tudo que se esperava, temos, ainda, os vinte e oito com o aprendizado adequado ao que se propõe naquela etapa do ensino.

A exclusão não terminou totalmente, mas regrediu de um tanto considerável!

Não posso dizer que eu tenha tido responsabilidade nesta mudança, mas, durante minha vida, repetindo o que Richard nos ensinou, fiz “o que estava ao alcance dos meus braços” para que ela acontecesse.

E, grande parte do que pude fazer não se deve a minha ação exclusiva senão por ter ao meu lado minha companheira Edilene.

Encontramo-nos nos corredores da Faculdade de Letras Eu iniciando meu segundo curso superior e ela terminando a graduação em Hebraico! Uma pernambucana de Pesqueira com bacharelado em Hebraico pela USP. Uma combinação inusitada!



Figura 18 – Edilene



Figura 19 – Edilene

O que me atraiu, inicialmente, não foi o impacto de sua beleza física, a qual foi me impressionado mais e mais a cada encontro; mas sim, sua potência de vida. Uma pessoa que mal conseguia tocar os pés no chão ao montar sua motocicleta, sem medo algum de trafegar sozinha por circunstâncias que, percebi, depois, eu mesmo não ousava fazer. Sua independência, às vezes, causa até irritação: recusa-se a pedir auxílio em diversos processos que se tornariam muito mais fáceis se compartilhados.

O encontro dos dois ocorria no corredor da faculdade onde deixávamos as motos (um corredor aberto, mas que também servia de

calçada para pedestres ... Outros tempos, antes da existência do cinto de segurança nos carros e outros aparatos de segurança pública, como estacionamento para motos!

Após as aulas, nos preparávamos para o retorno à casa, pondo as luvas, enrolando o cachecol no pescoço, e terminando com a colocação do capacete, observando, furtivamente o outro, sem qualquer palavra, apenas um cruzamento de olhares (descuidados?). Até que um dia, após chegar ao fim do corredor atingindo a rua em que, costumeiramente, nos dirigíamos para destinos opostos, eu para a Zona Norte da Cidade e ela para Osasco, paramos e trocamos algumas palavras, marcando um encontro ... que perdura por trinta e nove anos!

Dona de uma determinação sem igual, a começar pelo trabalho na CETESB, no qual permanece mesmo depois de 44 anos de ingresso, Di, como eu a chamo, é uma artesã em diferentes fazeres artísticos. E, tudo, numa escala imensa. Tudo o que faz é em tamanho GG.



Se dá na sua telha fazer crochê, produz colchas, tapetes e outros produtos, pesquisando novas formas continuamente.

Eu até tentei aprender, mas não passei da primeira lição: fazer uma carreirinha. Além de torto, um pedaço



Figura 20 – Arte de Edilene fica mais firme do que o outro.

Figura 21 – Arte de Edilene

Sinceramente, é muita força de vontade ficar noites seguidas até chegar ao resultado desejado; e, um mais bonito do que o outro. Depois de um certo tempo, acha alguma outra arte e se dedica até virar mestra.



Na culinária, outra de suas especialidades, prepara pratos incríveis a partir de qualquer coisa que tenha à mão. Eu abro a geladeira e não vejo nada que possa preparar; ela abre a mesma geladeira e num instante tem uma comida deliciosa para nos servirmos.

Figura 22 Arte de Edilene “A Feiticeira”, mexe o nariz e, voilá, a comida está pronta!

Tem vezes que eu acho que é pura mágica, como no filme

Tem até um fã clube entre as minhas colegas de trabalho pelos bolos e patês que eu levo de vez em quando.

Esta sua arte culinária ela pôs a serviço de uma dupla de garis que fazem a varrição da rua de casa, às sextas-feiras.

Certa vez, alguns meses atrás, ofereci aos trabalhadores um pequeno café da manhã, numa mesinha que improvisei junto ao portão. Apenas um café e pão com manteiga. Então, ela se apropriou da ideia e eu passei a ajudante de cozinha. Hoje em dia, semanalmente, o Sr Carlos e o Sr Raimundo sentam-se à mesa arrumada na varanda de casa, fazem sua refeição matinal e levam um farnel para o almoço, com frutas e bolos.

Dedicação mesmo, no entanto, é o que ela tem pelos filhos! Dois moços, Pedro e Heitor, e a Luísa. Apesar de todos já grandes e com vida própria, não há um momento em que ela não esteja preocupada. Mas, isto, creio, é próprio da natureza das mães, e contar fica para a próxima pós-graduação!



Figura 23 – Heitor, Luísa e Pedro



Figura 24 - Família

- Certo, mas chega de blá-blá-blá; e vamos ao que interessa: o que você vai fazer, daqui prá frente, pra se engajar numa ação comunitária?

- Verdade ... bem o que tenho a oferecer são ... livros. Tenho um bocado deles. A maior parte já inventariado, uns mil e setecentos. Estou pensando em criar um serviço de empréstimo. Acho que tem mais valor do que uma simples doação para uma biblioteca pública.

– E, como é que isto vai funcionar?

– Vou divulgar a lista dos livros para

“cada um dos grupos em cujo seio vivo e trabalho”, como disse o Ivan Ilich.



Figura 24 - Livros

Aí, se for o caso, entrego no meu local de trabalho, ou a pessoa pega comigo em casa, e para aqueles que moram longe, peço que arquem com os custos da postagem. Só tenho que por os livros em ordem e terminar de etiquetar .

- Isto ainda vai dar um trabalhão!!!!

Ah! E, para aqueles que ficaram curiosos com o nome “TCC npd TCC – Diálogos interiores”, explico:

“**T**ecendo **C**onfluências **C**omunitárias **na perspectiva de Todos C**om a **C**arroça
– **Diálogos Interiores**”

Parte III

Conversas ... de Marcos

Então, Luísa, que tal darmos continuidade ao nosso trabalho com uma conversa sobre como foi a realização da tarefa e a sua apresentação?

Poderíamos fazer como os peripatéticos, tal como o Professor Merli da série de tv espanhola de mesmo nome ensinou, e gravarmos nossas conversas enquanto fazemos uma caminhada diária.

Mas, tendo em vista que iniciei viagem de férias antes mesmo da apresentação do vídeo na aula de 27 de abril, vamos iniciar o papo também à distância; e no meu retorno, faremos a caminhada tagarela.

Começo dizendo que eu não poderia ter conduzido o processo da forma como eu o fiz.

Preponderou na minha atuação a figura da pessoa mais velha e do pai ao invés da minha experiência como professor.

Como pai e mais idoso, propus a atividade e, assim que você aceitou, apresentei um plano quase completo e tentei permanecer o mais próximo dele quase todo o tempo. Tivesse vigorado a figura do professor, lembraria da importância do diálogo para construirmos juntos um projeto inteiramente nosso. Mesmo quando você, em algumas oportunidades, se referiu a ele como meu trabalho e eu a corrigia dizendo que era o “nosso” trabalho, embora percebesse o problema instalado, não dei a devida atenção para resolvê-lo. Ou seja, não atentei para o fato de que você destinou toda sua energia para realizar um trabalho que não sentia como seu.

Como já conversamos algumas vezes sobre as suas atribuições com os alunos na escola estadual em que trabalha quando digo da importância de você parar o tal do “conteúdo” para conversar com os alunos sobre o que está atrapalhando o processo, deveria ter parado para discutirmos sobre como superar minha simples narrativa de trabalho coletivo para podermos desenvolver, de fato, um trabalho que cada um de nós sentíssemos tratar-se como nosso.

Tenho, para mim, que essa situação se deveu ao meu conhecimento sobre sua autoimagem, muito aquém de sua verdadeira potencialidade. Autoimagem esta que foi construída por uma vivência comigo e com sua mãe sempre tentando impor um certo estilo de vida.

Mais de uma vez disse a você que é inerente às figuras materna e paterna procurar intervir na vida dos filhos quando sentimos que algo que fazem parece estar em rota de colisão. A ideia de proteger, então, quando assume o controle da vida alheia, pode até evitar aborrecimentos; mas, em contrapartida, contraria um dito popular que tem lá sua relevância: é errando que se aprende!

No seu caso, filha, seu histórico de vida nos seus primeiros anos de existência, fez com que eu e sua mãe nos tornássemos superprotetores; e, creio que isto não tem sido bom para você.

Tivéssemos dado a você a oportunidade de “expressar seus verdadeiros sentimentos”, como ensina Ivan Illich, ao longo de sua vida, e mais ainda agora, no decorrer da tarefa de pós-graduação, se eu tivesse agido diferente na minha interação com você certamente conseguiríamos trilhar um caminho bem distinto e bem mais interessante.

Mas, como não adianta “chorar o leite derramado”, volto à proposta de comentar a produção do trabalho dizendo que, se por um lado, na minha ânsia de fazer tudo do meu jeito e tendo de me “conformar” com sua direção na formatação do vídeo, acabei por me estressar e por deixar você também estressada; por outro, fiquei super orgulhoso de ver você realizando praticamente sozinha todo o trabalho técnico de edição, e com um resultado muito bom, tendo em vista o prazo exíguo que você teve e o fato de eu ter-lhe deixado na mão com minha viagem.

Sabe, Luísa, todos nós nos sentimos desconfortáveis quando julgamos saber fazer alguma coisa e vem outra pessoa dizer como deveríamos fazer. Temos um impulso, natural talvez, de nem ouvirmos direito o que o outro está propondo, e já partimos com a contra argumentação. Aí, interrompemos um diálogo verdadeiro. É preciso uma escuta atenta para que possamos decidir melhor o que devemos fazer. Apesar de já saber disto, não observei este comportamento no nosso trabalho.

Refletindo sobre esta questão, percebo que devo ter mais cuidado nas minhas relações com as outras pessoas ouvindo com mais atenção.

E você, como foi participar do trabalho?

Conversas ... de Luísa

Perspectivas sobre o curso e sobre o TCC

Começo a minha fala com os apontamentos sobre os sentimentos de produção do vídeo, o nosso projeto.

No começo da edição, me senti empolgada com muitos efeitos diferentes do aplicativo de edição do vídeo, o Movavi, mas já nesse ponto vi que não conseguiria colocar o que eu queria, por falta de familiaridade com a edição de vídeo, mesmo vendo tutoriais no Youtube sobre o editor. Além disso, como acabo deixando tudo que tenho de fazer para a última hora, não saiu do jeito que eu queria.

Acabei refazendo o vídeo, porém demorando de novo. Parece que não apreendi tanto quanto eu gostaria sobre a procrastinação. Nessas ocasiões é que percebo como tenho dificuldades; e, como não tenho consistência, ou foco, de fazer da melhor forma possível. Ao acabar o vídeo para o nosso trabalho, me senti aliviada.

Já na gravação das cenas, senti-me ora feliz e ora cansada nos dois dias em que fizemos juntos. Ora motivando o meu pai e ora querendo ser motivada. Fizemos as gravações em um final de semana.

Algumas vezes repassava as falas com o pai para que ele pudesse decorá-las. Uma vez tentei encenar o discurso dele, mas ele não conseguia se concentrar desse jeito, então ríamos e parei de tentar dessa maneira.

Na maioria das vezes esperava ele reler o texto para depois gravar. Uma vez, vi uma palestra sobre gravações de vídeos e a parte que mais lembro era que era melhor gravar toda a cena, mesmo com os erros, para depois editar e retirar os erros. E, realmente, é mais fácil. Mas, percebi que os vídeos, desta forma, ficam pesados demais para passagens para outros canais, computador ou nuvem.

No caso da edição, vi muitas cenas várias vezes, e fiz alguns cortes repetidos do mesmo estilo. Percebi, algumas vezes, que estava fazendo automaticamente para acabar; e, isso foi me desmotivando.

Como o pai estava viajando, algumas vezes pedia os vídeos gravados para ele para editar no computador de casa, único em que havia instalado o aplicativo de edição de vídeo.

Gravamos as cenas no celular dele, pouco antes dele iniciar uma viagem para o Ceará; e, ao pedir os vídeos a ele, o download e envio demoravam por conta da internet e tamanho dos vídeos.

Na edição definitiva do vídeo usei o editor Wopndeshare Filmora, e como os vídeos gravados já estavam no computador foi mais fácil de utilizá-los. Regravei. Compramos o aplicativo para retirar a marca d'água do vídeo do editor utilizado anteriormente, o que exigiu a regravação de todo o material. A primeira edição do vídeo foi completada em uma semana e a segunda, em dois meses.

Uma das coisas que aconteceram bastante nesse TCC foi eu discutir, no sentido de argumentar e às vezes falar um pouco mais alto do que deveria, com o meu pai sobre o que faríamos e como faríamos. Percebo que o jeito dele é de que quando fala para fazer junto ele faz e não fica esperando muito as outras pessoas para decidirem juntos. Ele está ali, aberto, mas se demorar muito ele faz sozinho sem problemas.

Além disso, ele vai tentar defender a ideia dele até o final, mesmo quando o trabalho já foi separado. Como exemplo, eu cito a parte do boneco de papelão, feito para o cenário de uma das cenas do vídeo, que hora ele queria que o boneco ficasse em tamanho grande, ora ele queria, pequeno, ora ele queria no papelão duro e com pezinho e hora ele queria sem pezinhos.

O cenário foi fácil de arrumar, porém foi difícil confeccionar os bonecos utilizados numa das cenas, apesar de ser uma confecção simples, com poucos materiais, papelão, lápis de cor e lápis de escrever. A ideia partiu das escritas vivenciadas pelo meu pai. A ideia foi, em uma das cenas, ter como se fosse uma sala de aula, e nas outras a carteira da época em que meu pai estudava.

Com o texto, o meu pai mandou muito bem. Concordo com ele que essa pós-graduação nos modificou. Abriu os nossos olhos para lugares que não tínhamos visto com nossos olhares e nem do mesmo jeito que vimos as aulas de pós-graduação.

Já fui espectadora de teatro de rua lá em São Carlos, onde morei, e sempre gosto de ver. Sinto-me empolgada e encantada. Cada trupe tem o dom de fazer os espetáculos com poucos recursos e muita criatividade. A coragem e as ideias me faltavam para participar ativamente, no espetáculo, de algo parecido. Aqui, em São Paulo, eu não havia visto ainda.

Uma vez escrevi uma cena em que atuei quando fiz parte de um grupo de teatro que se chamava "Acaso". Escrevi sobre um personagem que vivia no fundo do mar e queria sair do seu habitat, mas o conforto não deixava e pelo seu esforço acabou morrendo.

Adorei ver a família da Carroça de Mamulengos e todas as histórias que vieram com ela, seus mestres, seus amigos e companheiros de viagem, seus livros acolhedores, de aprendizado e de literatura. Suas comidas vivas e o jeito leve de viver. Além das pessoas do curso.

A minha vivência em Juazeiro do Norte também me modificou bastante. Falarei mais sobre ela na parte três desse TCC.

O jeito de algumas estudantes apresentarem seus trabalhos sobre as tradições foi incrível. Teve contadores de histórias, músicos, apresentações tradicionais. Uma gama de estilos de apresentações. As apresentações do ponto do TCC desta pós-graduação também estão incríveis. Mais voltados para conteúdos pessoais e como aprenderam com o curso.

Não dá para falar aqui tudo que aprendi com a Carroça de Mamulengos, mas chega à minha memória o aprendizado de algumas falas que foram proferidas no curso, como por exemplo, “o tempo não perdoa aquilo que é feito sem tempo”. Outro aprendizado interessante, que surgiu de uma das falas da Schirley, porém, não lembro as palavras exatas do aprendizado, que para ao invés de procurar referências e depois escrever podemos procurar escrever e depois procurar referências que dialoguem com os nossos escritos. Uma terceira fala, que pretendo me organizar para levar para a vida e me conectar com essa fala, foi que a auto-avaliação é muito mais importante do que a avaliação e ainda precisamos nos perguntar quais tipos de perguntas que podemos fazer que nos envolvessem cada vez mais para o processo de conhecimento no curso.

No começo do curso, na escrita da carta para a Luísa do futuro, lembro-me de ter colocado que eu iria me sentir mais unida com a minha família. Não sei se isso é totalmente verdade, mas conheço meus pais melhor agora.

Minha mãe, por exemplo, percebi o quanto ela não gosta de ser pressionada, além de ter vergonha de apresentar. As falas dela sobre o sorriso e não conseguir se colocar muito no grupo das tradições também contaram muito para eu a conhecer, me identificando a cada passo. Uma mulher que quando não gosta de fazer algo não faz. Às vezes se sente desconfortável, porém é bem sensível com relação a história dela e com relação ao seu cotidiano. Tem um pouco dessa tendência de viver a vida de forma leve também.

Eu amei conhecer meu pai um pouquinho mais, tanto o pessoal quanto o profissional, assim como a minha mãe.

PARTE IV

PALAVRAS FINAIS ...

DE MARCOS

Tempo esgotando e o trabalho ainda pela metade. Não a escrita, que esta considero já bem adiantada; mas, a ideia que veio lá do comecinho de “cuidar de si, cuidar do outro e cuidar do meio ambiente”. Nem vou mostrar fotos do ambiente da casa que pretendíamos arrumar (acho até que está mais bagunçado!). Por outro lado, a organização dos livros, com inserção das obras em um banco de dados, de forma a possibilitar os empréstimos avançou, consideravelmente, mantendo de pé a ideia de fazer circular os livros de casa. A leitura da Pedra do Reino, por sua vez, está no mesmo ponto da última alusão no “Diário de Bordo”.

Mas, como antecipei lá no iniciozinho da conversa com a família, “as coisas mudam”; e, posso afirmar que o grande desafio vencido não estava na programação inicial, mas ocorreu no andar da carruagem: a produção do vídeo com a Luísa, e apresentado como parte dos seminários de alunos, não sem grandes atrapalhadas com a mídia utilizada para a apresentação, de certa maneira compreensíveis dado que eu me encontrava no Ceará e a Luísa em São Paulo, durante a transmissão.

A própria ideia de fazermos nossa apresentação do jeito que foi feita partiu de uma certa “rebeldia” frente ao modo mais frequentemente utilizado para essas ocasiões: a fala do palestrante com apoio em uma determinada tecnologia (“PowerPoint”). De modo que, entendo que o vídeo era para todo efeito, o “objeto” do trabalho escolar.

E, para além do que já falei na Parte II sobre a realização do vídeo com Luísa, acrescento que sua produção foi um enorme desafio. Em primeiríssimo lugar, pelas dificuldades de lidar com a tecnologia.

Filmamos tudo com um celular, sem nos darmos conta dos tamanhos de arquivo de cada uma das partes da gravação. E não foram poucas! Depois, o trato da passagem do texto escrito para outro suporte tecnológico. Textos curtos, que eu mesmo havia escrito, se transformaram numa agonia para serem reproduzidos sem alteração para a tela.

Eu, que quando estudante do ginásio conseguia decorar partes do livro de história (tempos em que o professor exigia a reprodução literal do texto), agora tinha de repetir diversas vezes até fazer tudo certo. E, olha que eu estava “interpretando” a minha própria história. Que dizer, então, da capacidade dos integrantes da

Carroça de Mamulengos que presenciamos ao longo do curso. Uma das que mais me chamou a atenção nesse sentido foi a “aula” do “Palhaço”, na atuação de Antonio Gomide, uma sequência impressionante de texto sem nenhuma interrupção do tipo que costumamos ter quando dizemos que deu “branco” durante um pensamento.

De modo que esse “exercício” de interpretação, embora não tenha sido o primeiro, uma vez que na apresentação da bio-fantasia cada aluno gravou dois minutos para postar na plataforma do curso, foi para mim um verdadeiro longa-metragem, com seus trinta e poucos minutos. Um longa-metragem que ocupou um número de horas de trabalho da Luísa muito superiores ao meu, porque uma vez escrito o texto e gravadas as cenas, tudo o mais foi trabalho exclusivo dela. E, teve muita coisa a ser feita após as gravações.

E, mesmo tendo trabalhado tanto, ela ainda, ao que parece, mede sua participação pelo tamanho de texto escrito neste que é, segundo a dinâmica do Curso, não o trabalho final mas o “relato escrito da experiência vivida”. Experiência que, no nosso caso, foi a elaboração conjunta do vídeo.

Vivenciamos a realização de uma ideia – “fazer um vídeo para apresentação no seminário”, que ocupou parte significativa de nossas vidas, não somente pelo número de horas dispensadas para sua realização, mas principalmente por trabalharmos juntos pela primeira vez numa tarefa. Dividindo atribuições, cobrando e sendo cobrados por nós mesmos, negociando jeitos de fazer determinadas ações entre nós dois, etc. Enfim, conhecendo melhor um ao outro!

E, mesmo após a apresentação do vídeo no seminário, a elaboração do texto para o TCC em conjunto, deu continuidade ao projeto conjunto, que agora apresentamos na forma deste texto.

E, se a realização desta obra composta por vídeo e texto tem sido um ponto marcante em minha vida, e acredito que na da Luísa também, a apresentação dos demais trabalhos dos integrantes do Curso também tiveram grande impacto na minha jornada estudantil. Isto porque confirmei algumas ideias educacionais que poderia defender do ponto de vista racional mas que observando acontecerem na minha frente (mesmo que através da tela do computador) adquiriram uma força ainda maior. Assim é que posso afirmar que o mais importante de um trabalho não é sua complexidade de sua apresentação, mas sim potência e alcance de sua ideia.

Assim, por exemplo, a partir de uma simples fala direta de um colega para os demais, sem qualquer dispositivo de apresentação como um vídeo ou um “PowerPoint”, Lucas propôs elaborar seu texto com a contribuição de ideias dos demais estudantes do curso, colocando em curso um verdadeiro trabalho coletivo a “muitas mãos”.

Também os comentários que não só os professores como também colegas estudantes participantes do Curso fizeram a respeito das diversas apresentações causaram-me forte impacto. As palavras que Shirlei, Maria, Carlos Gomide, Dani, Richard, Ana Magnani e muitos outros dirigiram aos colegas de curso após cada uma das apresentações me impressionaram sobremaneira pela profundidade da argumentação, sendo que foram discursos produzidos poucos minutos após o término de cada um dos seminários.

Não poderia terminar este texto sem mencionar a experiência de visitar a região do Cariri e ter encontrado pessoas encantadoras como o Mestre Nena, dos Bacamarteiros da Paz, Mestre Dodo, do Reisado; e, especialmente, contar com a imensa contribuição de Carlos Gomide, idealizador da Carroça de Mamulengos. Que, para além do conhecimento profundo sobre as diversas manifestações culturais da região, brindou-nos com uma verdadeira imersão na história de Juazeiro do Norte e do Padre Cícero, ou Padim Cícero, como é mais conhecido.

De fato, estar no local dos acontecimentos e falar presencialmente com as pessoas que conhecemos por meio da tecnologia de comunicação, se não chega perto da experiência de aprender executando as artes brincantes, traz um sentimento de apropriação de conhecimento bem distinto daquele que foi possível no contato intermediado pela tela do computador.

Tenho certeza de que não estou só na avaliação de que “O que nós podemos fazer por nós mesmos ...” é uma abordagem inovadora no universo da pós-graduação na modalidade à distância, ao se desgarrar de amarras frequentemente encontradas nas diferentes propostas de ensino, especialmente por valorizar de forma tão acolhedora as experiências relatadas pelos estudantes, numa perspectiva muito próxima dos ensinamentos do Mestre Paulo Freire.

Termino, agradecendo a oportunidade de convívio com todos os integrantes do Curso, sejam os integrantes da Carroça de Mamulengos, os demais Mestres do Cariri, os Professores de diferentes Universidades e os nossos colegas aprendizes.

Gratidão ...

DE LUÍSA

Uma das reflexões que faço ao ver as apresentações dos colegas do curso, principalmente das mulheres é como é forte o sentimento de família em muitas de nós, mulheres. Coloco em destaque a apresentação da Helenira, a leitura que fiz do TCC de minha mãe, Edilene e as falas da mestra Shirley sobre maternidade no começo do curso. Espero um dia, e agora vejo a importância, de sermos humildes com as histórias de nossos antecedentes e, conseqüentemente, com as nossas histórias e vivências. Passamos e superamos nossas dificuldades, para conquistarmos nossos sonhos, não importando se para o outro não é considerada uma dificuldade tão grande.

E ainda penso que sou privilegiada por saber bastante sobre o meu nascimento das duas gerações mais perto de mim, e ainda ser próxima de meus familiares, tios, tias, primos, primas, primos e primas de segundo grau e famílias conjuntas.

Uma das primeiras reflexões do curso foi sobre a pedagogia brincante. Lembro-me de ir ao banco conversando com o meu pai, como nos peripatéticos, refletindo sobre um dos textos, o que falava sobre os brinquedos e jogos em escola. A pergunta era se um brinquedo podia ter apenas uma função que era para ensinar uma habilidade específica ou não, poderia não ter essa função e ensinar da mesma maneira. Pois é, ainda fica esse questionamento, porém tenho mais referências para decidir algo no decorrer da minha vida. Acho que pode ter brinquedos sem fins pedagógicos e com fins pedagógicos. No mundo tem espaço para ambos. A trajetória dos brinquedos anteriores e os mais modernos também é um ponto que gostaria de destacar. O saber tanto do produtor, quanto o material que é feito, o quanto que demorou para produzir um brinquedo pode ter se perdido com o tempo, entretanto tenho certeza de que há outros saberes nos jogos modernos. Voltou-se a se utilizar a imaginação com jogos do tipo RPG, por exemplo.

Em uma das aulas, a aula com a professora Luíza, aprendemos, na teoria, como conduzir uma roda de conversas. Com paciência a todos os integrantes da roda. Confesso que é mais difícil na prática. Mas a leveza vem do conduzir com amor e com acolhimento as nossas práticas.

Das discussões sobre religião católica nas brincadeiras e ainda tradições que incorporam elementos machistas ainda, mesmo que as brincadeiras tenham sido

atualizadas para o tempo moderno. Juntando isso as falas, apresentações, sobre tradições. Também me marcaram muito.

Na vivência com a Carroça pude experienciar todos esses aprendizados, porém presencialmente e vivendo o aprendizado. Pude perceber de pertinho quem eram os outros colegas e conversar com eles, assim como alguns professores. Aprendi muito, não só nas brincadeiras como nestas trocas. Além de perceber a amizade e a coletividade que uniam a família e os mestres da cultura.

Numa das conversas com o meu pai ele me disse que se tivesse em exercício da profissão aproveitaria mais o curso em suas aulas. Pensando nisso, e em alguns projetos da escola onde trabalho, principalmente o RPG (Role Playing Game, jogo de interpretação de personagens de histórias medievais) e o Scape game (jogo de mistério a base de enigmas para scapar de um lugar), vibra em mim a ideia de fazer um livro de cordel para cada turma que eu tenho, sobre as matérias que leciono. Seria uma maneira de tanto passar a diante a cultura popular quanto motivar os alunos a aprenderem a matéria.

Declaro, portanto, meus agradecimentos ao Carroça de Mamulengos e a Casa Tombada e aos colegas do curso por me abrirem um pouco a mente e poder adentrar ao mundo de vocês. Esses são alguns dos exemplos de como os aprendizados foram significativos. Gostaria de ter me utilizado em corpo desses aprendizados, mas cada um aprende no seu tempo. Além disso, me faltou coragem de utilizar em sala de aula.

Votos

Edilene, Luísa e Marcos

A vida é um constante aprender. E, aprendemos a qualquer hora, em qualquer lugar, sozinhos ou acompanhados (de gente ou de outros elementos da natureza). Aprendemos com o Mundo.

O fator fundamental é estarmos curiosos frente aos acontecimentos que nos envolvem, e abertos para a aventura da aprendizagem.

Aventura que tem seus riscos e dissabores, mas que nos traz uma estranha felicidade, e a consciência de estarmos presentes no mundo quando reconhecemos que passamos a saber algo que antes não sabíamos.

Neste tempo que frequentamos os “Saberes Populares para a Arte e a Educação nas Vivências da Carroça de Mamulengos” com os Mestres da Cultura, com os Professores do Curso e com os colegas aprendizes passamos a saber coisas que antes desconhecíamos. Muita coisa! Mas, principalmente, conhecemos pessoas que nos mostraram outras formas de viver este mundo. Que têm sonhos e produzem a beleza de viver intensamente.

Diante de tudo que aprendemos, com os ensinamentos e com o modo de ser das pessoas que conhecemos é justo que nós assumamos compromissos que honrem esse aprendizado.

Na palavra compromisso, no entanto, cabem tanto as promessas meramente interesseiras de quem se compromete sem ter qualquer rigor na condução de suas ações para realizar o prometido, quanto a devoção revolucionária de um mártir. E, se cabem tais extremos, cabem também a honestidade de se propor verdadeiramente algo que não se tem a certeza de poder cumprir plenamente, mas apenas a certeza de que se fará “o que estiver ao alcance dos braços” (nas palavras de um dos “ensinantes” do Curso – o prezado Richard). E, é neste sentido que nos apresentamos para continuarmos empenhando-nos, como temos feito durante o curso, para viver a “Vida em Abundância” (nas palavras de outro dos “ensinantes” – o estimado Carlos Gomide).

Viver atentos para as novidades que o mundo nos traz diariamente, e com mais atenção ainda, com aquilo que possamos aprender na convivência com as pessoas; mas, fundamentalmente, não esquecer de Agradecer e Retribuir.

Agradecer, porque a palavra gratidão carrega o reconhecimento do benefício recebido; e, Retribuir, pois “Vida em Abundância” só é possível na comunhão com os outros e com o Mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ILLICH, Ivan D. **Celebração da Consciência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

OLIVEIRA ROMANELLI, Otaíza de. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.